

Negra é a Mão que Limpa o Brasil: trabalhadoras domésticas no romance *Solitária* de Eliana Alves Cruz¹

Negra es la Mano que Limpia el Brasil: trabajadoras domésticas en el romance Solitária de Eliana Alves Cruz
Black is the Hand that Cleans Brazil: domestic workers in the novel Solitária by Eliana Alves Cruz

Luzia Gomes Ferreira

“- Mãe... a senhora precisa se libertar dessas pessoas... A senhora não deve nada a elas, pelo contrário. Mãe... Sou eu, a Mabel, sua filha. Não tenha medo de encarar esse povo que nunca limpou a própria privada.”
 (Eliana Alves Cruz)²

Resumo: O trabalho doméstico no Brasil segue sendo um legado da escravidão colonial. A colonialidade materializada no racismo, sexismo e classismo da sociedade brasileira continua transformando os corpos das mulheres negras em coisa/mercadoria. O sistema colonialista não ficou no passado, ele ainda permanece submetendo mulheres negras a trabalhos precários e extenuantes. Neste artigo, pretendo refletir, a partir do romance *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, sobre o trabalho doméstico pelos olhares das personagens Eunice e Mabel (mãe e filha), mulheres negras que passam boa parte do seu tempo de vida servindo a uma abastada família branca brasileira. Para além da exploração dessa mão de obra, também busco apresentar no texto essas duas mulheres negras trabalhadoras enquanto sujeitas e agentes reflexivas.

Palavras Chave: Arte Literária. *Solitária*. Trabalho Doméstico.

Resumen: El trabajo doméstico en Brasil sigue siendo un legado de la esclavitud colonial. La colonialidad materializada en el racismo, sexismo y clasismo de la sociedad brasileña continúa transformando los cuerpos de las mujeres negras en cosa/mercancía. El sistema colonial no se ha quedado en el pasado, sigue sometiendo a las mujeres negras a trabajos precarios y extenuantes. En este artículo, pretendo reflexionar, a partir de la novela *Solitária* (2022) de Eliana Alves Cruz, acerca del trabajo doméstico por las miradas de los personajes Eunice y Mabel (madre e hija), mujeres negras que pasan gran parte de su tiempo de vida, sirviendo a una rica familia blanca brasileña. Además de la explotación de esta mano de obra, también busco presentar en el texto a estas dos mujeres negras trabajadoras como sujetos y agentes reflexivos.

Palabras Claves: Arte Literario. *Solitária*. Trabajo Doméstico.

Abstract: Domestic work in Brazil continues to be a legacy of colonial slavery. The coloniality materialized in the racism, sexism, and classism (in Brazilian society and others) continues to transform black women's bodies into things/ commodities. The colonialist system has not remained in the past, it still stays subjecting black women to precarious and strenuous work. In this paper, I reflect on domestic work through the eyes of the characters Eunice and Mabel (mother and daughter) in the novel *Solitária* (2022) by Eliana Alves Cruz. The characters are black women who spend much of their lives serving a wealthy white Brazilian family. Beyond the exploitation that the characters suffer, I also seek to present these two black working women as subjects and reflexive agents.

Keywords: Literary Art. Solitary. Domestic Work.

¹ Artigo apresentado como trabalho final da Especialização Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina/ GEPEM/UFPA/IFCH/UFPA, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Adriane Lima. Agradeço às/aos pareceristas no processo de apresentação final do artigo.

² Fala da personagem Mabel, no livro *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz.

Luzia Gomes Ferreira – Professora do Instituto de Ciências da Arte (ICA), lotada na Faculdade de Artes Visuais (FAV), lecionando para o Curso de Bacharelado em Museologia/UFPA. Doutora em Museologia pelo Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT-Portugal/2018); Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA/2012). E-mail: luziagomes@ufpa.br

INTRODUÇÃO

1. Iniciando os trabalhos

Desde quando morava em São Félix, no Recôncavo baiano, sempre me imaginei realizando trabalhos que me dessem *status* social, e, naquela época da minha adolescência de jovem negra interiorana, sonhava em ser caixa de supermercado ou de banco, ou professora. Na minha cabeça, esses eram trabalhos de prestígio. Minha inserção no mundo do trabalho foi como recepcionista na Pousada Paraguaçu (localizada na minha cidade) em 1997. Ao concluir o curso de Magistério no antigo Segundo Grau (hoje Ensino Médio), atuei como professora na escola estadual, na qual estudei no Centro Educacional Rômulo Galvão (CERG), durante uns quatro anos. Ao finalizar o contrato temporário de professora do Estado, novamente trabalhei como recepcionista, mas dessa vez no Café Literário Pouso da Palavra, do poeta baiano Damário Dacruz, no município de Cachoeira/Bahia, depois mudei para Salvador para cursar Museologia na Universidade Federal da Bahia/UFBA.

Dentro de mim tinha o pacto de jamais ser empregada doméstica, profissão que minha avó Helena de Jesus exerceu, a qual odiou pelas violências que sofreu e sempre dizia a mim e a minha irmã Ana Cláudia Gomes Ferreira: *não criei vocês para se acabar na cozinha de branco como eu me acabei! – homem não é futuro, seu futuro é seu estudo, é seu trabalho e o seu dinheiro!* O trabalho como uma possibilidade de emancipação e independência sempre esteve presente na minha vida; não fui criada para acreditar que haveria um homem que me sustentaria e me tiraria da casa da minha mãe para me tratar como princesa. Sempre soube que era negra e não era vista como bonita pelos rapazes da escola e do bairro, passei a minha adolescência sendo rejeitada por eles. Mas isso não significa que fui imunizada da idealização de um amor branco patriarcal divulgado nas novelas e nos filmes da sessão da tarde que assistia com minha mãe. Também queria viver aquele amor das imagens em movimento, mas sabia que tinha de ter meu dinheiro, como a minha avó nos alertava o tempo todo.

Ao trabalhar no *Café Literário Pouso da Palavra*, ampliei minha visão de mundo por manter contato com pessoas de outras cidades, estados e países, porque a cidade de Cachoeira é turística e muitas(os) turistas visitavam o espaço no qual eu trabalhava. Sempre fui bastante comunicativa e curiosa; conversava muito com as/os visitantes e percebia que o mundo era bem maior que o meu Recôncavo, que eu nem conhecia direito devido a falta de dinheiro para viajar. Cada vez mais fui aguçando o meu desejo de entrar na universidade, até que, após quatro vestibulares nos quais fui reprovada, no quinto ano tentando, em 2003, finalmente consegui passar no vestibular-peneira-elitista da UFBA. Apesar da minha situação socioeconômica desfavorável, durante a graduação, trabalhei apenas em projetos de pesquisa e extensão; morei em residência universitária (onde não pagava aluguel) e tinha gratuitamente as três refeições básicas (café da manhã, almoço e jantar). Sabia que tinha uma realidade diferente de muitas colegas, especialmente de outras mulheres negras que trabalhavam nos *telemarketings* e sempre estavam exaustas na sala de aula.

No primeiro dia de aula na UFBA, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH (conhecida popularmente como São Lázaro), ao olhar aquele casarão colonial onde funciona a parte administrativa e ter ao fundo o mar azul de Ondina, falei alto: - *serei professora universitária!* É óbvio que as/os colegas riram de mim. Mas não me importei, sentia que a profecia da minha avó iria se concretizar, não seria empregada doméstica, não me acabaria na cozinha de branco como ela se acabou. E hoje, aqui estou, professora doutora da UFPA (Universidade Federal do

Pará), porém, não deixo de ser “confundida” com uma empregada doméstica no prédio onde resido (bairro de Nazaré em Belém do Pará) pelas vizinhas brancas e pelos vizinhos brancos e até mesmo pelas empregadas domésticas negras que ali trabalham.

Meus títulos acadêmicos não me salvam do racismo, habito uma pele preta, no entanto, não faço parte do quadro de mulheres negras que a socióloga e feminista negra estadunidense Patricia Hill Collins (2022) apresenta em seu livro: “Mulheres negras usualmente têm que lidar com o desleixo dos outros, aguentando empregos mal remunerados, infinitas horas de cuidados com os filhos, noites solitárias sem amor e uma sensação de impotência que as coisas nunca mudarão.” (COLLINS, 2022, p. 16). Muitas vezes, quando paro e olho para trás, penso: - *como furei a bolha?* Porque a realidade da maioria das mulheres negras trabalhadoras que conheço é essa descrita por Collins.

Quando escolhi escrever meu artigo final da especialização tendo como tema o trabalho doméstico no livro *Solitária* (2022), da escritora negra e carioca Eliana Alves Cruz, no primeiro momento pensei que fosse apenas pelo fato da arte literária e suas personagens ofertarem humanidade, dignidade, nome, sobrenome e subjetividades para essas mulheres negras, que muitas vezes são retratadas pelos gélidos números estatísticos, tratadas como coisas/mercadorias, e não como gente, por suas empregadoras e seus empregadores. Contudo, no processo de maturação da escrita, percebi que esse meu sentimento tinha a ver também com a repulsa que o trabalho doméstico me causa, com o ódio que sinto toda vez que sou confundida com uma empregada doméstica por pessoas brancas e, acima de tudo, pela dor ao lembrar das histórias que a minha avó contava do tempo em que ela trabalhou na casa do Barão³. A historiadora estadunidense Saidiya Hartman estudou o trabalho doméstico no início do século XX em arquivos fotográficos com mulheres negras no bairro do Harlem em *New York*; a autora afirma:

Quem não odiava o trabalho doméstico? Nenhuma mulher de cor jamais esqueceria que esse tipo de trabalho carregava a mácula da escravidão. Não precisamos mentir sobre os seus perigos. Todo mundo conhece uma garota que foi demitida e mandada para longe antes de criar barriga. A cozinha era o campo e o bordel. Não precisamos adornar o fato: mulheres negras ainda se encontram no lar da servidão. (HARTMAN, 2022, p. 79)

Por mais que as leis trabalhistas⁴ existam para minimamente ofertar dignidade às trabalhadoras domésticas através de direitos trabalhistas, elas continuam “[...] no lar da servidão.” (HARTMAN, 2022, p. 79). Assim como Carolina Maria de Jesus escreveu que a favela é o quarto de despejo da sociedade brasileira (2020), Eliana Alvez Cruz, em seu romance *Solitária* (2022), informa-nos como, em pleno século XXI, muitas das casas da elite branca brasileira ainda é um cárcere

³ Minha avó Helena de Jesus, mulher negra, ágrafa, na sua adolescência no Recôncavo Baiano, na década de 40 do século passado, foi trabalhar como doméstica na casa de um homem o qual ela denominava de Barão. Nessa casa ela foi estuprada pelo filho do senhor, depois foi mandada embora com uma trouxa contendo os seus pertences, “sem um tostão”, como ela dizia. Minha avó relatava esse episódio sem se dar conta que ela sofreu um estupro, pois ela dizia que não queria, mas não tinha forças para evitar.

⁴ Em 03 de abril de 2013, foi promulgada a “Emenda Constitucional 72, que iguala os direitos trabalhistas dos trabalhadores domésticos com os dos outros trabalhadores (...)”, conhecida como PEC das Domésticas. E, em 01 de Junho de 2015, foi sancionada a LC nº 150, pela então Presidenta Dilma Rousseff, que dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2013/04/03/pec-das-domesticas-novas-regras-passam-a-valer-a-partir-desta-quarta.htm>>, <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/40639757/lc-n-150-de-01-de-junho-de-2015>>. Acessos realizados em 23/11/2022.

para muitas trabalhadoras domésticas, em sua maioria negras⁵. No entanto, a autora vai além e nos apresenta os conflitos e negociações que a protagonista Eunice, enquanto empregada doméstica, faz para se manter íntegra e digna sem abrir mão da sua existência. A ficção nos confronta com a realidade e, por não ser ciência e nem atender aos protocolos científicos, escancaram a beleza e a feiúra das sociedades e de nós, seres humanas e humanos.

Como professora numa Faculdade de Artes Visuais, poeta e leitora visceral de arte literária, afirmo que as lentes que uso para construir conhecimento, enxergar o mundo e me localizar nele, passam pelo campo das imagens e das palavras. E é assim que chego ao tema desse artigo final para ser apresentado na “Especialização Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina” (GPEM/IFHC/UFPA). Busco dialogar com os caminhos epistemológicos já percorridos pelas feministas negras e negras intelectuais que construíram a interseccionalidade como uma metodologia de trabalho e ferramenta analítica para entender os diversos atravessamentos na vida de mulheres negras, mas não só. Para Patricia Hill Collins e Sirma Bilge:

A interseccionalidade investiga como as relações internacionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021, pág.15-16)

Ao tecer essa escrita, minhas memórias e vivências não estão ausentes e bordo uma colcha de retalhos como uma tecelã preta, costurando pedaços das artes, das epistemologias feministas negras e das narrativas de mim conversando com a ancestralidade da minha avó que habita o meu ser.

Ao ler o romance *Solitária* (2022) de Eliana Alves Cruz, chamou minha atenção como a protagonista Eunice, trabalhadora doméstica, apesar da invisibilidade e violências sofridas na trama, não deixou de ser sujeita reflexiva com agência. Foi a partir do trabalho que não lhe deu *status* social que ela construiu uma vida melhor para a personagem Mabel, sua filha. Nesse sentido, apesar da minha resistência em tratar do trabalho doméstico, a minha relação com a arte literária me mostrou caminhos possíveis para a humanização dessas trabalhadoras. E, através das personagens criadas pela autora, sinto que minha avó Helena de Jesus também foi humanizada. Porém, não perco de vista que, no mundo concreto do sistema capitalista, que é uma máquina de moer gente, as profissionais domésticas seguem sendo invisíveis e descartáveis. Segundo a cientista política francesa Françoise Vergès:

Bilhões de mulheres se ocupam incansavelmente da tarefa de limpar o mundo. Sem o trabalho delas, milhões de empregados, de agentes do capital, do Estado, do Exército, das instituições culturais, artísticas e científicas, não po-

⁵De acordo com Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021: “MULHERES representam mais de 92% das pessoas ocupadas em trabalho doméstico, das quais mais de 65% são NEGRAS.” (DIEESE, 2022). Ainda, segundo essa pesquisa, com relação aos salários: “[...] a média nacional caiu de R\$ 924 para R\$ 876. Houve queda em todas as regiões, exceto na Região Norte, que ficou estável. As informais ganham 40% menos do que as formais e as trabalhadoras negras recebem em média 15% menos.” (DIEESE, 2022). Os menores salários para as trabalhadoras domésticas se concentram nas Regiões Norte e Nordeste, variando de R\$707 a R\$589,00. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2022/trabalhoDomestico.html>. Acesso realizado em 21/11/2022.

deriam ocupar seus escritórios, comer em refeitórios, realizar reuniões, tomar decisões em espaços asseados onde lixeiras, mesas, cadeiras, poltronas, pisos, banheiros, restaurantes foram limpos e postos à sua disposição. Esse trabalho indispensável ao funcionamento de qualquer sociedade deve permanecer invisível. Não devemos nos dar conta de que o mundo onde circulamos foi limpo por mulheres racializadas e superexploradas. Por um lado, esse trabalho é considerado parte daquilo que as mulheres devem fazer (sem reclamar) há séculos – o trabalho feminino de cuidar e limpar constitui um trabalho gratuito. Por outro lado, o capitalismo produz inevitavelmente trabalhos invisíveis de vidas descartáveis. (VERGÈS, 2020, p. 24-25).

Olhar para o trabalho doméstico a partir do romance *Solitária* (2022) de Eliana Alves Cruz em diálogo com as suas personagens Eunice e Mabel é ver a força e generosidade das prosas de autorias negras e entender como essas escritas podem nos tirar da lata do lixo do silenciamento. Apesar do esfacelamento da pele preta, as mulheres negras escritoras fazem as suturas dos nossos poros, reconstruindo as nossas existências, com possibilidade de outros imaginários em um fluxo contínuo do eu para o nós e do nós para o eu. É no cordel das palavras, como nos fala a prosadora e poeta paulista Geni Guimarães (2018), que as linhas de vários tempos são bordadas nas negras grafias que fazem emergir memórias que foram estilhaçadas pelas diversas violências impostas aos corpos negros nas Américas. As escritas de mulheres negras elevam o povo negro à condição de agentes reflexivas, agenciando-as de forma humanizada com toda complexidade e contradições inerentes às nossas humanidades.

2. *Solitária*: a libertação do cárcere da servidão

*“A patroa pensou que eu sabia coisas demais, ela precisava de negras vindas diretamente do mato, que nunca ouviram falar sobre direitos sociais. Ela me pagou e me deixou ir embora.”*⁶ (Françoise Ega).

2.1. A Autora...

A autora Eliana Alves Cruz e a capa do livro *Solitária* (2022)



Foto: Chico Cerchiaro⁷

⁶ Excerto extraído do livro *Cartas a uma negra* (2021), de Françoise Ega, escritora martinicana, radicada na França, que exerceu a profissão de doméstica na cidade francesa de Marselha. *Cartas a uma negra*, como o título sugere, ela escreve cartas destinadas à Carolina Maria de Jesus, após ela ter lido o livro *Quarto de Despejo* da autora brasileira. Mas Françoise Ega e Carolina Maria de Jesus nunca se conheceram presencialmente em vida.

A premiada escritora Eliana Alves Cruz nasceu na cidade do Rio de Janeiro/RJ em 1966, é graduada em Comunicação Social e, por anos, atuou como jornalista esportiva, foi chefe do Departamento de Imprensa na Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, fez cobertura de Jogos Pan-Americanos e Jogos Olímpicos e ainda é colunista da UOL Esporte. Em 2016, a escritora carioca publicou sua primeira obra literária intitulada *Água de Barrela*. “A publicação do seu romance de estreia foi resultado do Prêmio Oliveira Silveira, da Fundação Cultural Palmares em parceria com o Ministério da Cultura (...) Com ele, Eliana também conquistou a Menção Honrosa do Prêmio Thomas Skidmore, do Arquivo Nacional, em 2018, e da americana Brown University.” (PALLAS, 2022, s/n).

Em 2018, a escritora carioca publicou o seu segundo romance *O Crime do Caís do Valongo*, já em 2020 foi lançado *Nada Digo De Ti, Que Em Ti Não Veja*. Os três primeiros livros de Eliana Alves Cruz são romances históricos nos quais a escravidão está no fundo das tramas e a autora nos apresenta personagens negras(os) escravizadas(os) com complexidades, incoerências, sonhos e humanidade. Ela aborda pessoas que construíram diferentes estratégias para sobreviverem às atrocidades da escravidão e, acima de tudo, pessoas que estiveram à frente na luta por liberdade. E acrescento: nessas três prosas a autora nos retrata o Brasil Colônia, Império e República a partir dos olhares de sujeitas negras e sujeitos negros. As famílias brancas das elites abastadas estão presentes nas obras orquestrando a barbárie autorizada na/da época, porém, apesar de também serem humanizadas, elas não são as protagonistas.

Em 2021, Eliana Alves Cruz publicou o seu livro de contos *A Vestida* e, em 2022, lança *Solitária*. Esses dois últimos livros tratam de questões contemporâneas em diálogos com várias demandas sociais que estão na pauta do dia no Brasil, mas, também, em outras partes do mundo, uma vez que o racismo, enquanto uma ferramenta de poder e destruição dos corpos racializados, está presente e é manejado em todo o Ocidente. A escritora também tem diversos contos publicados em antologias e coletâneas. No dia 24 de novembro de 2022, na 64ª edição do Prêmio Jabuti⁸, a autora ganhou a estatueta na categoria melhor livro de contos com a obra *A Vestida*.

Eliana Alves Cruz com a sua estatueta do Prêmio Jabuti em 24/11/2022



Foto: Imagem retirada da página da autora no *Instagram*⁹

⁷ Foto retirada da Matéria “O quarto da empregada, ainda é uma realidade, afirma Eliana Alves”, publicada no Jornal Correio da Bahia, em 22 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-quarto-da-empregada-ainda-e-uma-realidade-afirma-eliana-alves-cruz/>. Acesso realizado em 21/11/2022.

⁸ O Prêmio Jabuti foi criado em 1958 e é considerado o maior prêmio de literatura do país.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/elialvescruz/>

Meu primeiro encontro com a obra de Eliana Alves Cruz foi em 2018, ao participar do Vº Griots - Congresso Internacional de Literaturas e Culturas Africanas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Fiz o minicurso sobre “a maternidade nas obras de escritoras negras” com a poeta e Prof.^a Dr.^a Livia Natália da UFBA, em que a docente nos apresentou o livro *Água de Barrela*. Fiquei curiosa com o título do romance porque minha avó Helena de Jesus sempre falava da barrela, que é um tipo de alvejante. Minha avó sabia disso, pois, além de empregada doméstica, ela também foi lavadeira, lavava roupa de ganho, como ela dizia. Automaticamente o nome da obra me remeteu às minhas memórias com uma das pessoas que mais amei e amo no mundo: a minha avó Helena de Jesus! Comprei o livro assim que retornei à Belém e o li em uma semana. Considero *Água de Barrela* um cânone da literatura contemporânea brasileira juntamente com *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves. Desde 2018, acompanho a carreira da escritora carioca pelas suas redes sociais, assisto as suas palestras em eventos literários, participo de lançamentos dos seus livros quando tenho oportunidade e leio as suas entrevistas e obras literárias.

No lançamento do livro *Água de Barrela* em janeiro de 2019, na cidade de Salvador/BA (da esquerda para a direita: Joseania Miranda Freitas, Eliana Alves Cruz e eu (Luzia Gomes Ferreira)).

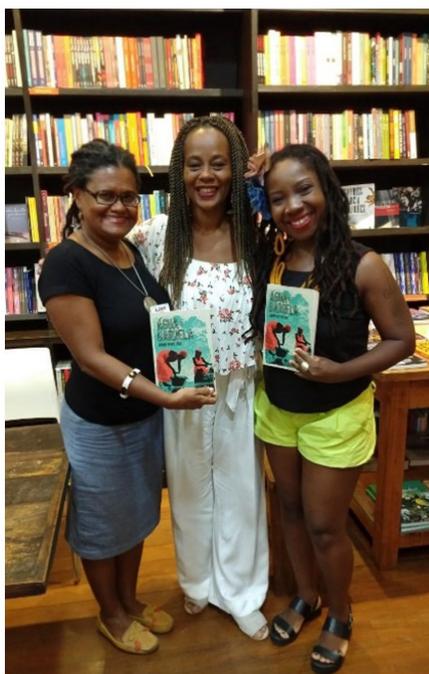


Foto: Jusciele Oliveira

2.2. A obra...

Quando ter uma empregada que dorme no trabalho passou a ser algo caro e não de muito bom-tom, os corretores de imóveis chamariam esse local da casa de “quarto reversível”, um nome para não chamar o quartinho de quartinho ou do que ele realmente era: um lugar para serviçais, babás, domésticas amas, empregada. Todos esses nomes que deram e dão até hoje a quem é “quase da família”. Um lugar onde estivessem ao alcance do comando de voz, do olhar, ao alcance das mãos... A tempo e hora, vinte quatro horas por dia. (CRUZ, 2022, p.19)

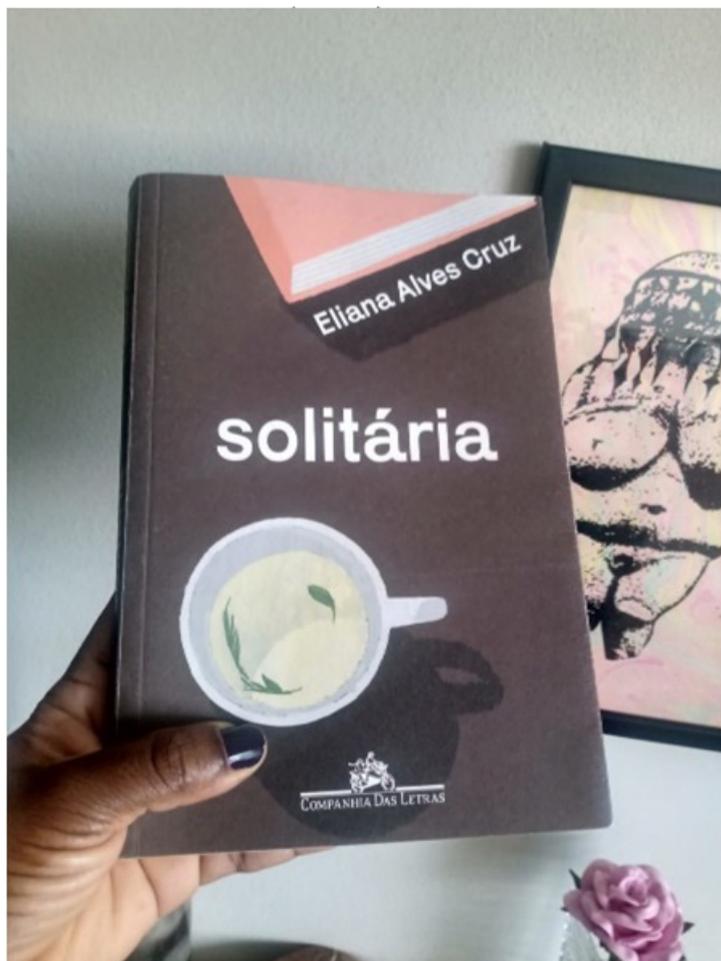
O livro *Solitária* (2022) de Eliana Alves Cruz

Foto: Luzia Gomes Ferreira

Conforme já mencionei anteriormente, o livro *Solitária* de Eliana Alves Cruz foi publicado no primeiro semestre de 2022. As protagonistas são Eunice e Mabel, mãe e filha, porém há as/os personagens coadjuvantes que são importantes para o desenrolar do enredo. Diante da minha pesquisa, levantei informações e construí uma tabela apresentando os nomes de cada pessoa e seus papéis na trama. Há algumas e alguns que ficaram de fora da tabela, pois eu não daria conta de falar de todas/todos.

Personagens do Livro <i>Solitária</i>	Papel
Eunice	Protagonista/ mulher negra trabalhadora doméstica.
Mabel	Filha única de Eunice, mulher negra.
Sérgio	Pai de Mabel, homem negro, ex-companheiro de Eunice.
Jurandir /Jura	Porteiro do deslumbrante prédio Golden Plate, homem negro, se torna companheiro de Eunice.
João Pedro	Filho mais velho de Jura, homem negro.
Cacau	Filho mais novo do Jura, homem negro.

Dona Lúcia	Patroa, mulher branca, de família rica, <i>socialite</i> .
Seu Tiago	Patrão, homem branco, advogado.
Camila/Camilinha	Filha única da patroa e do patrão de Eunice.
A Solitária	O quartinho de empregada que também narra a história na terceira parte da trama.

Dividido em três partes — a saber: 1ª) Mabel; 2ª) Eunice; e 3ª) Solitárias —, o romance *Solitária* (2022) nos conta a história de Eunice e Mabel, a primeira: uma empregada doméstica que passou mais de vinte anos, boa parte da sua vida juvenil, cuidando da família de Dona Lúcia e Seu Tiago, criando Camilinha, a filha do casal, muitas vezes sem poder cuidar da sua própria filha em prol da filha da empregadora e do empregador. Primeiramente, conhecemos a família branca nuclear pelos olhos de Mabel. Eunice, muitas vezes, não tinha com quem deixar a filha e a levava para o trabalho. Porém, era evidente que a filha da empregada não era tratada como criança, tinha de ser invisível aos brancos olhos de Dona Lúcia e Seu Tiago.

Ainda na trama literária, à medida que Mabel vai entrando na adolescência, ela passa a “ajudar” a mãe nas tarefas domésticas no apartamento luxuoso do patrão e da patroa de Eunice. Nas palavras de Mabel: “Ela sabia que as crianças como eu – como ela foi e, antes dela, a sua mãe, e a mãe de sua mãe até a minha décima avó – não entendiam muito bem o que era isso de ser criança. A gente sempre foi miniatura de adulto.” (CRUZ, 2022, p. 26).

Mabel cresceu entre a exploração da família branca empregadora da sua mãe e com a ausência de seu pai Sérgio. Nos primeiros anos de sua infância, ela lembrava de um pai atencioso e amoroso. No entanto, esse homem negro, sem conseguir trabalho, entrega-se à dependência do álcool. Com isso, ele começa a produzir violências domésticas contra Eunice: socos no rosto, toma seu dinheiro para comprar bebida, escândalos no seu ambiente de trabalho e ainda a acusava de traição com o personagem de Jurandir. Apesar da violência exercida por Sérgio, Mabel ainda sonhava que seu pai e sua mãe ficariam juntos como uma “família feliz”, como as famílias que ela via no edifício Golden Plate.

Papai sumiu na noite como um fantasma dele mesmo. E eu segui querendo ver os dois juntos para sempre, querendo uma família como as que via no edifício de D. Lúcia. Assim como achava que os ambientes e os objetos para quem não era patrão eram pequenos e frágeis, pensava que toda família de quem não era patrão era desmanchada e pela metade. Demorou para eu entender, mas foi ali naquela calçada, que percebi que estava crescendo, pois finalmente comecei a enxergar a profundidade do que acontecia entre eles. Eu ficava apavorada quando papai deixava de ser aquele homem tão doce, que me ensinava coisas bonitas sobre como lidar com as plantas e a terra, para se transformar em alguém assustador. Mas não era tão simples como pensavam algumas pessoas. (CRUZ, 2022, p. 42)

Jurandir/Jura, como era conhecido, nutria uma paixão por Eunice que fingia não perceber. Mas Mabel percebia e muitas vezes ficava com raiva da mãe e do porteiro ao pensar no seu pai. Jura era mais um migrante no Sudeste e, segundo Mabel: “Jura, nasceu no Pará, tem um jeitinho gostoso

de falar que eu adoro. Os paraenses são uma mistura de um monte de gente, têm no corpo o país todo.” (CRUZ, 2022, p. 29). O porteiro era pai solo e criou seus filhos João Pedro e Cacau no apartamentinho sufocante (com pouca circulação de ar) que lhe foi destinado no prédio Golden Plate.

Na adolescência, Mabel se apaixona por João Pedro e eles vivem uma tórrida paixão de adolescentes e ela engravida. Não desejando a maternidade e nem querendo se tornar trabalhadora doméstica como Eunice, a filha da empregada buscou interromper a gravidez através do aborto e com ajuda de Dona Lúcia. “[...] naquele momento eu não sentia vontade de ter um filho em idade nenhuma. Criança, para mim, era sinônimo de prisão.” (CRUZ, 2022, p. 59). Mas não nos enganemos, a patroa não agiu por benevolência, muito menos por princípios feministas, mas sim para não perder a outra empregada, a qual ela tinha gratuitamente, além disso, Dona Lúcia queria que Mabel contraísse uma dívida com ela. No desenrolar da trama, a patroa, ao se irritar com a insubmissão de Mabel, expõe esse segredo publicamente e causa uma quebra de confiança e respeito entre Mabel e Eunice, visto que Eunice era contra o aborto e Mabel o fez sem o conhecimento da mãe.

Dando um salto na narrativa sobre Mabel (juntamente com Cacau), ela estuda, entra na universidade pública através das ações afirmativas, torna-se médica e atua na linha de frente no combate à pandemia da COVID-19. Ao ser aprovada na seleção para o curso de medicina, Dona Lúcia e seu Tiago (não acreditavam na capacidade de Mabel cursar uma faculdade de elite) não ficaram felizes com os resultados da filha da empregada e do filho do porteiro que também foi aprovado no curso de Engenharia.

A escritora Eliana Alves Cruz, através da personagem Mabel, mostra-nos a sagacidade e insubmissão das jovens negras diante da exploração da família branca e rica. A família do Golden Plate explorava a sua força de trabalho sem lhe pagar e roubava os cuidados da sua mãe, cuidado materno quase todo ofertado à Camilinha, filha do casal. Temas como: direitos reprodutivos, pandemia da COVID19, trabalho infantil, trabalho análogo à escravidão, importância das ações afirmativas e mobilidade social através da educação são apresentados a partir dos olhares sonhadores da juventude negra que, com frequência, tem os seus sonhos cerceados e suas vidas aniquiladas pelo racismo. Mas, no romance de Eliana Alves Cruz, Mabel, Cacau e João Pedro (jovens negres) não morreram, não se tornaram estatística do genocídio, viveram para materializar os sonhos que Eunice, Sérgio e Jura não tiveram tempo e nem estrutura para sonhar. Assim, essas narrativas e esses personagens nos dão elementos descolonizadores no âmbito da discussão do mundo do trabalho tanto no Brasil quanto nas Américas.

Agora, seguindo a organização do livro, vou dialogar com as narrativas de Eunice.

D. Codinha disse que sabia que era um serviço honesto, digno, mas mesmo assim se entristecia, porque olhava para mim e lembrava das histórias que a avó dela contava sobre servir em casas-grandes. Eu achava tudo um exagero enorme. Para aquele trabalho eu tinha conseguido uma recomendação de uma amiga dela que lavou roupa por muito tempo para a mãe de d. Lúcia. Foram tantos anos que ela até foi convidada para o casamento. (...) O salário era maior do que costumavam pagar na época, e nós estávamos precisando muito. O Sérgio já tinha seus problemas com bebida, gastava demais, às vezes sumia... Mabel estava crescendo e mamãe andava com um problema no quadril, então não podia fazer esforço e trabalhar mais pesado porque sentia muitas dores. (CRUZ, 2022, pp.79-80)

Eunice, mulher negra, pobre, sem estudos formais, com um companheiro alcoolista, uma mãe doente, uma filha pequena e com contas para pagar, vê no trabalho doméstico uma das possibilidades de sobrevivência para sua família. Foi assim que Eunice passou a habitar o interior do apartamento luxuoso decorado com porcelana chinesa no Edifício Golden Plate e se inseriu como observadora silenciosa das vidas extravagantes de Dona Lúcia e Seu Tiago. Ela passou a ocupar, com sua filha, o quartinho de empregada, quarto que se configurou a sua solitária por anos. Eunice, como muitas outras empregadas domésticas negras nas Américas, são as *outsiders*, apresentadas por Collins (2016):

Por muito tempo mulheres afro-americanas participaram dos segredos mais íntimos da sociedade branca. Inúmeras mulheres negras iam de ônibus para a casa de suas “famílias” brancas, onde elas não apenas cozinhavam, limpavam e desempenhavam outras tarefas domésticas, mas também cuidavam de suas “outras crianças”, ofereciam importantes conselhos aos seus empregadores e, frequentemente, tornavam-se membros honorários de suas “famílias” brancas. Essas mulheres viram as elites brancas, tanto as de fato como as aspirantes, a partir de perspectivas que não eram evidentes a seus esposos negros ou aos grupos dominantes. (...) Por um lado, essa relação de insider tem sido satisfatória para todos os envolvidos. Nas biografias dos brancos ricos, é frequente o relato de seu amor por suas “mães” negras, enquanto os relatos das trabalhadoras domésticas negras ressaltam a percepção de autoafirmação vivenciada pelas trabalhadoras ao verem o poder branco sendo desmistificado – saberem que não era o intelecto, o talento ou a humanidade de seus empregadores que justificava o seu status superior, mas o racismo. (COLLINS, 2016, pp. 99-100)

É importante observar que a autora Eliane Alves Cruz tira Eunice desse lugar da matriarca negra “forte e poderosa”, algo que tem sido muito banalizado dentro e fora da academia. Na trama, o que leva a protagonista do romance a buscar o trabalho doméstico para sobreviver (e assumindo a chefia da casa): a precariedade, a pauperização, o alcoolismo do pai de sua filha. A filósofa Sueli Carneiro já nos chamou atenção para o matriarcado da miséria.

A expressão matriarcado da miséria, foi cunhada pelo poeta negro e nordestino Arnaldo Xavier para designar a experiência histórica das mulheres negras brasileiras na sociedade brasileira marcada pela exclusão, discriminação e rejeição social e a despeito dessas condições, o seu papel de resistência e liderança de suas comunidades miseráveis. (CARNEIRO, 2000, s/n)

A maioria das mulheres negras no Brasil ainda vive sob o julgo do matriarcado da miséria, especialmente no setor de trabalho. Podemos ver corriqueiramente através das mídias: mulheres negras sendo libertadas de trabalhos análogos à escravidão em casas de senhoras brancas da média e alta sociedade brasileira. Esse é um tema que também aparece em *Solitária*. Eunice e Mabel não sofreram privação de liberdade como a personagem Dadá que, desde os dez anos de idade, vivia na casa de D. Imaculada, outra moradora do luxuoso edifício Golden Plate. Dadá não podia sair, não recebia salários e nem estudou. No entanto, na casa da patroa de Eunice, a sua filha tinha de ser invisível e ela exercia o papel de criada sem voz, sem sonhos, sem desejos, sem casa, sem vida, sem ar próprio para respirar.

Hoje fico com pena do sacrifício que era se tornar invisível. Além dos espaços apertados que ocupávamos, o silêncio era um companheiro. Era preciso estar presente sem estar. Uma boa serviçal é silenciosa, e a criança que é filha dessa mulher também dever ser. Ela não pode rir como uma criança, não pode pular ou fazer travessuras como uma criança. Ela não é uma criança. É um incômodo, alguém apenas tolerando... Era como diz num dos livros de uma escritora chamada Conceição Evaristo, que Mabel passou a devorar e de vez em quando lia pra mim: ‘Em boca fechada não entra mosquito, mas não cabem risos e sorrisos’. (CRUZ, 2022, p. 97)

Dona Lúcia dizia não saber viver sem Eunice pela confiança que depositava nela e por considerá-la “quase da família”, especialmente após o nascimento da sua filha Camilinha (muito desejada por Lúcia). Camila cresceu cercada de cuidados, mimos e sem limites, acreditando que era dona do mundo e de todes a sua volta. A empregada, além de cozinheira e faxineira, passou a exercer também a função de babá recebendo o mesmo salário. Eunice criou laços afetivos com a criança que passou a cuidar, como ela mesma fala: “Vi Camila crescer como a mãe dela não viu, e era tudo muito difícil para mim.” (CRUZ, 2022, p. 75).

A ficção não destoa da realidade. Em 2019, fui a uma festa de aniversário na casa de uma família branca e abastada em Belém do Pará, em um bairro nobre da capital, naqueles prédios que é um apartamento por andar, com uma bela vista de parte da cidade, muito semelhante ao edifício Golden Plate descrito no romance *Solitária* (2022). Ao chegar à festa, fui logo convidada a conhecer a “mãe preta” da aniversariante, referiam-se à trabalhadora doméstica dessa forma, saí de lá sem saber o seu nome. Essa mulher negra trabalhou para a mãe da aniversariante, criou a aniversariante e, agora, cuidava da mãe idosa e doente da aniversariante e dos sobrinhos adultos da aniversariante. Ou seja, ela era a cuidadora de todas as pessoas daquela casa.

É sempre bom lembrar que pessoas que exercem a função de “cuidar” são extremamente sobrecarregadas com afazeres dos cuidados de outra pessoa e sem muitos benefícios e cuidados. Pensemos nas nossas mães, avós e tias que passam a vida cuidando de filhas, casa e trabalho. A conta que não fechava é que a aniversariante, naquele ano, estava completando 62 anos, fiquei imaginando com quantos anos a “mãe preta” foi trabalhar na casa daquela família. Falavam que ela tinha salário, carteira assinada, plano de saúde, que ajudaram a “mãe preta” a construir sua casa própria, mas ela continuava morando no quatinho de empregada na casa da patroa, pois “era quase da família”. E, de acordo com as falas, havia uma espécie de confusão entre direitos trabalhistas e benevolência cristã, apesar de toda a família branca presente na festa se definir como progressista e de esquerda. Hoje, ao pensar nesse episódio, lembro de uma fala da *Solitária* que também é uma personagem com voz na trama:

Eunice e Mabel moravam dentro de mim, mas não eram as donas da casa, e quem era proprietário da casa nunca me habitava. Nem mesmo passava do limiar da porta. Por vezes, podia sentir bons cheiros vindos da cozinha, outras horas o mau hálito vindo dos sacos pretos dentro de caçambas de plástico, que eu achava muito parecidas com bocas e gargantas que tragavam o que ninguém queria. Descartáveis. (CRUZ, 2022, p.140)

Confesso que meu impulso foi ir embora daquela celebração, especialmente quando me dei conta que, em um universo de quase cinquenta convidadas, só havia três pessoas negras naquela

festa: eu, um outro convidado e a “mãe preta” que estava nos servindo. Outro detalhe, ao me apresentarem primeiramente à “mãe preta”, associaram-me a ela, de certa forma, fui lembrada da minha negritude. Ao rememorar esse evento, penso como o artigo “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” (2018) de Lélia Gonzalez é atual, assim como as “Imagens de Controle” trabalhadas por Collins (2019) seguem assombrando a nós, mulheres negras. Tanto eu quanto a “mãe preta” da aniversariante fomos enquadradas nas imagens de controle. Por mais que estivesse naquela festa como convidada, eu era preta e tinha de conhecer as minhas iguais e saber o meu lugar. Passei vários dias com a imagem daquela mulher na cabeça, perguntando quem era ela para além de ser a “mãe preta”, quais eram seus sonhos e desejos de vida, o que ela fez nessa existência além de cuidar e servir àquelas pessoas brancas.

Voltando a interagir com as narrativas de Eunice, é visível como o amor que ela constrói por Camilinha foi cada vez mais aprisionando-a de alguma forma àquela família. Por outro lado, apesar de Eunice não ser tão insubmissa e crítica como sua filha Mabel, não significa que, em muitos momentos, ela não tivesse consciência de que era explorada. Em algumas cenas do romance, ela enfrenta Dona Lúcia, especialmente quando Dona Codinha (mãe de Eunice) adoece gravemente e a patroa não quer liberá-la para ir cuidar de sua mãe. Em algumas passagens do romance, a própria Mabel trata a mãe como “alienada e subserviente” por conta da dedicação que ela tinha com a patroa e especialmente com Camilinha. Mas Eunice, mesmo não enfrentando a filha em algumas situações, pensava: “E eu sou sua mãe! É bom baixar esse queixo e essa voz. Você me deve respeito; eu vivi coisa que você nunca soube o que é, porque eu estava aqui pra não deixar você saber! Foi o que pensei, mas não disse.” (CRUZ, p. 75, 2022). Sobre as relações de trabalho apresentadas no livro, a acadêmica paraense Bruna Troitinho escreve o seguinte:

Numa primeira leitura poderíamos dizer que a filha ao ser iluminada pelo saber formal, dialogando com a mãe a teria feito enxergar como a família dos patrões a haviam explorado. Porém, na parte narrada por Eunice percebemos como era complexo a relação que ela mantinha com a família dos patrões. Quando essas relações são mediadas pelo afeto, torna muito difícil a nossa percepção dos limites da exploração laboral e do afeto. Camilinha queria comer a feijoada de Eunice porque só ela sabia fazer do jeito que ela queria. A presença de Eunice na casa era sempre uma demonstração de afeto mediada pela prestação de algum serviço a família. (TROITINHO, s/n, 2022)

De forma magistral, Eliana Alves Cruz emancipa a sua personagem Eunice. Após Mabel entrar na faculdade e sua mãe D. Codinha falecer, a empregada doméstica decide que está na hora de se libertar da família do Golden Plate, ela se demite do trabalho e vai reconstruir sua vida ao lado de Jurandir/Jura. Porém, ainda assim, é chamada em alguns momentos “especiais” para prestar serviços à Dona Lúcia. Após anos sem pisar na casa da sua ex-patroa, Eunice é solicitada para fazer uma feijoada para a festa de despedida da Camilinha que iria morar fora do Brasil para estudar. Eunice é chamada porque, segundo mãe e filha, a nova empregada Luzia não sabia fazer uma feijoada tão gostosa como a de Eunice.

Trazendo para o romance a história da empregada doméstica Mirtes de Souza, que, durante a pandemia da COVID-19, perdeu o seu filho Miguel Otávio¹⁰ pelo racismo e abandono de incapaz

exercido pela sua ex-patroa Sari Corte Real, a autora reconstrói esse episódio traumático da sociedade brasileira através da personagem Luzia e do seu filho Gilberto/Gi:

[...] Timidamente, Luzia pediu para que Camila olhasse Gilberto um pouco. Não podíamos parar o trabalho, e as panelas quentes eram sempre um perigo. Senti no tom de sua voz tão sumida o quanto ela achava aquilo errado. Ela deveria cuidar do menino, não podia pedir algo assim para a filha da patroa. Era o contrário: Luzia cuidava e recebia ordens, Camila era cuidada e ordenava. (...) Camila não se opôs. Luzia ia levar poucos minutos para ir ao mercado próximo. Tirando o avental, ela se apressou em sair. Gilberto seguiu com Camila para dentro do apartamento e eu fiquei na cozinha. Ouvi a campainha tocar umas três vezes. Eram as amigas chegando na maior algazarra. (CRUZ, 2022, p. 130)

Camila, assim como Sari Corte Real, não cuidou do filho da empregada que foi comprar os temperos para Eunice preparar a sua feijoada. Gilberto/Gi, ao ficar sozinho no quarto, alcança uma janela alta aberta e cai da mesma, o filho da empregada morre, assim como o ocorrido com Miguel, que foi deixado sozinho no elevador e caiu de um vão do luxuoso prédio Torres Gêmeas em Recife/PE. Dona Lúcia, ao chegar em casa e saber do ocorrido, tenta inocentar a filha e exige que Eunice diga a polícia que quem estava em casa era ela e não Camilinha. Assim como na vida real, o acontecido vira um escândalo público com uma alta cobertura midiática. Apesar do amor que Eunice sentia pela filha da sua ex-patroa, ao ser convocada para depor na delegacia, Eunice conta a verdade e responsabiliza Camila pela morte de Gilberto. Camilinha é processada e fica impedida de sair do país. Evidentemente que, até a ex-empregada doméstica chegar nessa decisão, ocorrem várias situações como: a libertação de Dadá do trabalho análogo à escravidão e a prisão da sua empregadora D. Imaculada. Outros personagens também passam a entrar na cena, como João Pedro, o filho mais velho de Jurandir/Jura. Mas, para saber os detalhes, vocês que me leem terão de ler o romance *Solitária* (2022).

Para mais colocações, pensar a vida de trabalhadoras domésticas é uma forma de pensar o mundo do trabalho e a sua relação com a mão-de-obra feminina negra. Para além de uma análise histórica, antropológica e sociológica, a arte literária nos traz mundos reais na relação de trabalho que vão além das relações puramente econômicas. A ficção literária não está longe de nós. A vida de personagens literários tão pouco. Precisamos entender que a arte literária tecida por mentes negras pode nos despertar das inúmeras relações impostas de subserviência que temos com pessoas negras e seus locais de trabalho impostos socialmente: faxineiros, porteiros, camareiras, trabalhadoras domésticas e do lar, guardas e outros serviços mais “braçais” e tidos como menor importância social. Vivemos em um mundo cheios de dicotomias modernas que nos impulsionam a vangloriar trabalhos “intelectuais” e formações acadêmicas e diminuir trabalhos manuais e de outras dinâmicas, parte desse pensamento é o que leva as pessoas a explorarem trabalhadoras domésticas sem darem a essas mulheres o mínimo de dignidade e humanidade.

Necessitamos entender a importância de todos os lugares do trabalho, de sermos respeitadas e respeitosas com todas, todos e todes que ofertam trabalho, seja ele qual for. Visto isso, como

¹⁰“Miguel morreu aos cinco anos de idade, no dia 2 de junho de 2020. Ao ser deixado sozinho pela patroa de sua mãe no elevador de serviço de um prédio de luxo na região central do Recife, o menino caiu do nono andar, de uma altura de 35 metros.” Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/caso-miguel-mae-lamenta-falta-do-filho-no-dia-das-criancas>. Acesso realizado em: 30/11/2022.

relatado acima, filhas e filhos das empregadas domésticas não são tratadas como crianças e esse fato não está longe do ocorrido em Recife, em 2020, com o pequeno Miguel Otávio, filho de Mirtes de Souza, o qual foi com a mãe para o trabalho porque estava sem aulas (devido à pandemia do Covid-19) e a empregadora, Sari Corte Real (nome bem sugestivo), abandonou Miguel no elevador de seu prédio sozinho para ir em busca de sua mãe. Mirtes havia levado os cachorros de Sari para passear e, quando retornou, se viu em meio à pior situação colonialista, que mata corpos negros todos os dias, seja adulto ou criança. Muito provavelmente, Sari não deixaria uma criança branca ou seus filhos saírem em um elevador de prédio sozinho sem a assistência de uma pessoa adulta. Mais uma vez, crianças negras não são vistas como crianças. São objetos obsoletos, são objetos de troca e trabalho, são objetos descartáveis.

O romance *Solitária* de Eliana Alves Cruz nos mostra que, apesar da invisibilidade, exploração e violências sofridas na trama no exercício do trabalho doméstico, Eunice vai se tornando sujeita-reflexiva com agência. Por mais que mulheres negras como Eunice, assim como eu (que não sou trabalhadora doméstica) e tantas outras famosas e anônimas, habitemos a dor do racismo na maior parte do tempo de nossas vidas, as escritas de autoras negras nos autorizam a sair “em busca dos jardins de nossas mães” (WALKER, 2021, s/n). A Literatura feita por mulheres negras nos impulsionam a plantar nossas flores de existência, aconchego, esperança e amor, para termos colheita de prosperidade, mesmo que seja no espaço da fabulação.

3. Em Aberto para Reflexões em Processo

“Nossos livros são sítios de memórias sensíveis.”

(Eliana Alves Cruz)

Desde 2019, a partir do projeto de pesquisa “Memórias que vêm das palavras: olhares museológicos para as literaturas de mulheres negras” coordenado por mim na UFPA, busco compreender como a arte literária de escritoras negras nacionais e internacionais nos permitem criar novas imagens e imaginários para o povo negro e destruir, assim, as imagens de controle. Ao meu ver, as artes literárias de mulheres negras são um patrimônio contemporâneo desestruturador da colonialidade presente nas Américas. É nesse sentido que penso as prosas e as poesias das autoras afrodiáspóricas (no geral) e afrobrasileiras (em específico) como lugares de conhecimentos que contribuem para evidenciar as vidas de mulheres negras a partir de um olhar humanizador, com subjetividades e complexidades. Para a mulherista e escritora estadunidense Alice Walker:

Talvez mulheres negras escritoras no século XXI apresentem quadros mais completos da multiplicidade de opressões – e de lutas. Racismo, machismo, classismo e colorismo farão parte considerável de sua consciência. Elas terão romances maravilhosos de mulheres negras africanas para ler – Buchi Emecheta, Ama Ata Aidoo, Bessie Head e outras – coisa que as mulheres negras do século XIX não tiveram. Terão os registros das lutas do nosso tempo. Não pensarão em outras mulheres com inveja, ódio ou adulação por elas serem “prêmios”. Não desejarão ser prêmios. (WALKER, 2021, p. 277)

Sou uma mulher negra escritora do século XXI, que lê romances de autoras negras de diferentes partes do mundo, incluindo a nigeriana Buchi Emecheta, citada por Walker. As leio porque preciso ter imagens de pessoas, como eu, humanizadas nos livros. Na vida real, mulheres negras e homens negros nessas Américas inventadas ainda reivindicam o *status* de humanos. De Cláudia Silva Ferreira a George Floyd, seguimos sendo expostas-(os), espancadas-(os) e assassinadas-(os) em praça pública. Como no tempo da escravidão, a diferença é que agora as armas não são o pelourinho e nem o chicote, os instrumentos de tortura foram sofisticados com os recursos das novas tecnologias.

As escritas de mulheres negras artistas e acadêmicas nos apresentam um lado muitas vezes apagado das nossas memórias, elas reanunciam o passado, projetam futuros e ampliam o presente com o diferencial de que somos nós falando com nós, por nós, para nós mesmas e para quem nos lê: “[...] para todas nós é necessário ensinar com a vida e com as palavras essas verdades que acreditamos e conhecemos mais além do entendimento. Porque só assim sobreviveremos, participando num processo de vida criativo, contínuo e em crescimento” (LORDE, 2019, p. 55). A doutora e escritora Conceição Evaristo lembra-nos:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (EVARISTO, 2010, *apud* ARAÚJO, 2011)

As narrativas criadas por autoras negras em seus romances são teias de registros e reflexos das complexidades e dos conflitos vivenciados pela população negra diaspórica. Por outro lado, essas mesmas obras emancipam as nossas subjetividades e emoções. Nos últimos anos, após muita luta e reivindicação dos movimentos negros organizados, aos poucos estamos reconhecendo com respeito e dignidade as nossas escritoras negras, de Maria Firmina dos Reis a Eliana Alves Cruz, mas também, reverenciando as autorias negras de outras partes do mundo: de Toni Morrison a Paulina Chiziane. As escritas de poetisas e prosadoras negras é um lugar de fala e uma fala como lugar. Para a feminista, poeta e intelectual bell hooks:

[...] Falar se torna tanto uma forma de se engajar, em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transformar em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz – e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros. (hooks, 2019, p.45)

A arte literária e as demais obras artísticas de autorias negras, mas não só, desvelam as crueldades e as graciosidades das nossas sociedades, desfocando os nossos olhares cartesianos e colonizados. Eliana Alves Cruz, em seu livro *Solitária* (2022), apresenta as camadas abjetas e apodrecidas do trabalho doméstico no Brasil, fazendo-nos compreender o quanto a lógica escravista permanece no interior dos lares das abastadas famílias brancas brasileiras. No entanto, ao tornar Eunice e Mabel as protagonistas da história, a autora carioca as emancipa, faz-nos escutá-las, as tira da lata do lixo e nos diz: - Eunice e Mabel tem voz e escuta! “Para lembrar” Lélia Gonzalez:

[...] na medida em que nós, negros, estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação [...], o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido calados, infantilizados [...], que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”. (GONZÁLEZ, 1980, *apud* BAIROS, 2009)

Pauso esse texto sem considerações finais, mas com reflexões em processo por acreditar que esse tema não se esgota nesse artigo. Almejo ter contribuído para mostrar a fixação branca brasileira pela servidão de corpos negros nos diversos setores da sociedade e como isso está impregnado em nosso tecido social, extrapolando o trabalho doméstico. No entanto, nesse tipo de prestação de serviços fica materializada a mácula da escravidão como um legado colonial. Por outro lado, espero que cada vez mais reconheçamos a arte literária de mulheres negras como trabalhos artísticos nas suas excelências poéticas e como criações de conhecimentos. Faço votos que as prosas e as poesias de mulheres negras sigam sendo faróis, apontando-nos caminhos iluminados e esperançosos para a transformação e liberdade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Barbara. Conceição Evaristo: literatura e consciência negra. In: *Blog Blogueiras Feministas*. 2011. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2011/11/22/conceicao-evaristo/>. Acesso em 08/04/2022.
- BAIROS, Luíza. Lembrando Lélia Gonzalez, por Luiza Bairos (texto publicado no portal *Geledés: Instituto da Mulher Negra*). 2009. Disponível em <https://www.geledes.org.br/lembrando-lelia-gonzalez-por-luiza-bairos/>. Acesso realizado em 30/11/2022.
- CARNEIRO, Sueli. O matriarcado da miséria, por Sueli Carneiro. In: *Portal Geledés*. 2000. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-matriarcado-da-miseria/>. Acesso realizado em 23/11/2022.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: *Revista Sociedade e Estado* – Volume 31 Número 01 Janeiro/Abril 2016. pp. 99-127. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso realizado em 30/11/2022.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1º ed. São Paulo: Boitempo. 2019.

- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução Rane Souza. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. *Política sexual negra: afro-americanos, gênero e o novo racismo*. Tradução de Ana Carolina Correia Santos das Chagas. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.
- CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.
- EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*. Tradução Vinícius Carneiro e Mathilde Motay. São Paulo: Todavia. 1ª ed. 2021.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: *Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Coletânea Organizada e editada pela UCPA/União dos Coletivos Pan-Africanistas. 2018. pp.190-214.
- GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. 2. Ed. São Paulo: FTD. 2018.
- HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueira e queers radicais*. Tradução Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.
- hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Catia Bocaiúva Marin-golo. São Paulo: Elefante, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. ilustração de No Martins. 1.ed. São Paulo: Ática. 2020.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução Stephanie Borges. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- PALLAS EDITORA. Autores, Eliana Alves Cruz. Disponível: https://www.pallaseditora.com.br/autor/Eliana_Alves_Cruz/195/. Acesso realizado em 26/11/2022.
- TROITINHO, Bruna. Solitária, Eliana Alves Cruz. In: *Blog Negras Escrituras: Sobre Literatura de Autoria Negra*. 2022. Disponível em: <https://negrasescrituras.com/solitaria-eliana-alves-cruz/>. Acesso realizado em 30/11/2022.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Traduzido por Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. 2020.
- WALKER, Alice. *Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista*. Tradução Stephanie Borges. 1. Ed. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo. 2021.